

# OS MILITARES LEGALISTAS NO PUTSCH INTEGRALISTA PELA IMPRENSA CARIOCA.

Vinícius da Silva Ramos, doutorando em História pelo programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise da repercussão que os atos da Ação Integralista Brasileira (AIB) tiveram nas páginas de dois jornais de grande circulação do Rio de Janeiro na década de 1930: *O Jornal* e o *Correio da Manhã* no que diz respeito à Batalha da Praça da Sé. Nossa tarefa foi fazer o rastreamento destas notícias veiculadas nestes jornais para compará-los e verificar a presença de simpatias, disputas ou parcerias, principalmente na atuação dos militares no *putsch*. Partimos da premissa que isso reflete um *pacto* tácito entre o leitor e o jornal, onde aquele sabe o que vai encontrar ao adquirir o jornal, e este sabe o que publicar para agradar a seu comprador. Dessa forma constatamos sensíveis diferenças entre os jornais, tendo *O Jornal* mostrado franca simpatia à AIB em vários momentos, e o *Correio da Manhã* mantendo um afastamento crítico integralismo.

**Palavras-chave: integralismo. Fascismo. Imprensa.**

## Abstract

This study aims to analyze the impact that the actions of the Ação Integralista Brasileira (AIB) had the pages of two major newspapers in Rio de Janeiro in the 1930s: *O Jornal* and the *Correio da Manhã* with regard to battle of the Cathedral Square. Our task was to trace these reports in these newspapers to compare and verify the presence of sympathies, disputes or partnerships, especially in the performance of military putsch in. I assume that this reflects a tacit pact between the reader and the newspaper where he knows what you find to get the newspaper, and it knows what to publish to please your buyer. Thus we found significant differences between newspapers, with *O Jornal* shown open sympathy to AIB at various times, and the *Correio da Manha* keeping a critical distance fundamentalism.

Keywords: integralismo. Fascism. Press.

O termo fascismo talvez seja um dos mais utilizados na política do século XX. Antes da Segunda Guerra Mundial, como sinônimo de Estado forte que controlava a luta de classes, e após a guerra, utilizado pelos opositores da direita conservadora e/ou autoritária como uma forma de detração da mesma. Ou seja, o cuidado com o termo deve ser total para não cairmos em reducionismos ou generalizações. Francisco Falcon (1991) nos ajudará a entender esse fenômeno na medida em que faz um cuidadoso levantamento das características gerais do fascismo na Europa. Para o autor, falar em fascismo - sem nenhuma ressalva gramatical, tais como “similar ao”, “congênere do” – só pode ocorrer em um tempo e espaço determinados historicamente: a Europa do período entre as duas guerras. Segundo Falcon, o contexto da época foi o que permitiu que o movimento fascista surgisse, ou seja, a I Guerra Mundial, a Revolução Russa, os primeiros movimentos anticoloniais afro-asiáticos não se repetiriam mais na história, sendo impossível chamar de fascistas outros movimentos que não estivessem diretamente imbricados nesse ambiente do começo do século XX, entretanto não podemos negar a imensa influência que esses movimentos tiveram sobre o integralismo. Dessa forma, com uma conjunção de fatores violentos e inéditos, restaria aos que estivessem dispostos a fundar uma nova ordem que pregasse o retorno da tranquilidade à Europa, olhar para trás. Foi o que os fascistas fizeram.

Os adeptos do fascismo buscavam um Estado com poderes centralizados, para pôr em prática a intervenção na economia destruída no pós-guerra, que pudesse agir com energia contra as reivindicações dos trabalhadores que assistiam a vitória da Revolução Bolchevique, e principalmente que não estivesse atado às práticas liberais como o sufrágio universal, devendo este ser substituído pelo voto corporativo. Segundo Rosas (1991) as problemáticas de ordem econômica já faziam parte da agenda das classes dominantes desde fins do século XIX, sendo a variante do anticomunismo o elemento que diferenciava o velho autoritarismo europeu do fascismo que surgia como novidade. E isso fica claro em sua citação:

"Quer isto dizer (...) que os movimentos fascistas só têm acesso ao poder na medida em que e à medida que resulta útil ou viável, para as classes dominantes de cada país, o processo de aliança/integração/subordinação relativamente aos mesmos movimentos" (ROSAS, 1991; pp. 64-65).

E Rosas (1991), assim como Falcon, também considera indevido o uso do termo fascismo para denominar movimentos radicais de extrema-direita fora do continente europeu.

Leandro Konder (2009), em sua interpretação marxista do fenômeno fascista, concorda com Falcon (1991) na medida em que também vê com ressalvas a utilização do termo de forma indiscriminada, como geralmente é feito nas disputas políticas. Em seu didático livro, Konder enumera as principais características do fascismo e as esmiúça individualmente, a começar pelo nacionalismo: o autor argumenta que a falta de base teórica do fascismo o obrigava a adotar um discurso nacionalista agressivo, que tendia a buscar a comparação irracional em detrimento da teórica - isso vale para toda a argumentação do fascismo, que não tinha entre suas características *uma* linha de reflexão teórica. E esse nacionalismo se exacerbava no contexto da expansão do capitalismo, pois a competição desenfreada em busca do lucro empurrava os indivíduos para uma solidão angustiante que o fascismo tentava compensar pela participação numa comunidade de semelhantes. E Konder lembra que esta é uma característica de todos os movimentos que tenham alguma inspiração no fascismo clássico de Itália e Alemanha, como é justamente o caso do integralismo, já que vimos Plínio Salgado escancarar críticas à modernidade que desagregaria o “espírito da nação”. E depois da discussão acerca de suas características fundadoras e o contexto no qual se desenvolve, Konder arrisca uma definição que apesar da extensão, citamos por completo para evitar uma mutilação do pensamento do autor:

O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiada pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes) a influência juntos às massas; e pressupões também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro.

(KONDER, 2009; p.53)

Da definição de Konder nos detemos em alguns detalhes que se relacionam com o integralismo. Seu caráter anticomunista, que para o autor seria uma resposta ao materialismo histórico, tanto criticado por Plínio Salgado e outros ideólogos da AIB como sendo produto de um abandono da espiritualidade trazido pela modernidade capitalista. Entretanto, para nós, o trecho de maior valor na fala de Konder é o que diz respeito à utilização do “consumo dirigido” pelo fascismo. Nisso, o integralismo se notabilizou. Sua rede de informações foi uma arma fundamental na luta pela expansão dos seus ideias, e foi usado de maneira inédita na política brasileira, o levando a patamares de alcance nacional, algo que os partidos da política tradicional não haviam alcançado. Ou seja, a leitura de que a “oferta” de informações poderia ser aumentada, para depois ocorrer a “demanda” destas, foi feita de forma pioneira por Salgado. E isso só foi possível pelo fato do capitalismo penetrar de forma rápida e crescente no Brasil da primeira metade do século XX. Vemos assim como podemos enriquecer a pesquisa através destas aproximações com autores que não trataram *diretamente* do integralismo.

Outro autor que ajudou na compreensão do fenômeno fascista foi o escritor peruano José Carlos Mariátegui (2010). Militante marxista, sofre um “auto-exílio” na Itália, onde vive do fim da década de 1910 até, meados da década de 1920. No meio da tempestade do fascismo, escrevendo para jornais peruanos, Mariátegui observa de perto a maior parte dos momentos de ascensão do fascismo, da sua popularização, passando pela “Marcha sobre Roma”, quando da tomada do poder pelos partidários de Mussolini, até retornar ao Peru.

Se observamos as origens do fascismo italiano é imprescindível não perder de vista o fato de que apesar da tradição historiográfica consagrá-lo como um movimento de massas urbanas, os primeiros agrupamentos uniformizados que lutaram contra reformas populares nasceram no meio rural, combatendo qualquer possibilidade de implementação de reforma agrária e prevenindo a invasão e assentamento de camponeses em terras particulares. Ou seja, apesar de seu sucesso na cidade, é no campo que o germe fascista vai florescer. Se levarmos em conta que 24% dos partidários do fascismo eram trabalhadores rurais, 11,9% eram pequenos agricultores e fazendeiros, percebemos que essa assertiva faz todo sentido (MARIÁTEGUI, 2010). Mas evidentemente, será nas classes médias urbanas que o fascismo terá sua maior força.

A situação italiana no final da década de 1910 era totalmente explosiva, com trabalhadores exigindo o direito de assumir a direção de fábricas, ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial necessitando de uma inserção econômica e social numa Itália diferente da que tinha entrado na guerra. Em um momento que a Revolução Russa era espelho para boa parte dos trabalhadores que lutavam pelo socialismo na Europa, o fascismo surge prometendo remediar problemas que a guerra tinha deixado e ainda impedir o avanço das ideias bolchevique apelando para a antítese da racionalidade marxista: o irracionalismo nacionalista. É justamente sobre essa crise que o fascismo se apoiará. E contará com a capitulação e a conivência do liberalismo, com a passividade ou a cooptação de vários políticos liberais que enxergavam o fascismo como um procedimento necessário para a manutenção da ordem vigente pela violência.

Assim, Mariátegui interpreta que a mobilização fascista se dá na medida em que a classe burguesa tenta dar os primeiros movimentos contra qualquer tentativa de revolução popular, o que se reforça pela sua retórica anticomunista que foi marca deste e todos os movimentos que se inspiraram nele, como o integralismo por exemplo. Plínio Salgado sempre usou de todo espaço que podia para atacar o comunismo, como fica evidenciado em nossa pesquisa, em toda linha aberta à sua fala nos jornais, o fundador do integralismo trata de atacar o marxismo o mais rápido possível.

E como atento marxista que era, Mariátegui percebe que a ação do Estado liberal passava longe de conter as hostes fascistas justamente por ser de seu interesse que as demandas populares fossem contidas, como observou com justeza:

“O ‘fascismo’ é a ação ilegal das classes conservadoras, temerosas da insuficiência da ação legal do Estado, em defesa da subsistência deste. É a ação ilegal burguesa contra a possível ação ilegal socialista: a revolução” (MARIÁTEGUI, 2010, p.149).

Tanto é assim, que o fascismo – como o integralismo – não possuía um projeto de Estado estruturado que visasse substituir o Estado burguês, ficando muitas vezes preso a aspectos críticos e fazendo poucas proposições, podendo ser visto como um movimento de muitos “anti” e poucos projetos. O próprio Mariátegui ilustra isso quando argumenta que o fascismo não teria sucesso econômico ou político em um momento de paz, quando os projetos de futuro da nação fossem necessários para a reconstrução da Itália: “A verdade é que, terminando o estado de guerra civil, a débâcle, a dissolução, a liquidação eram inevitáveis para o ‘fascismo’. O ‘fascismo’ podia vencer na guerra; não podia vencer na paz (MARIÁTEGUI, 2010; p.179)”. Ou seja, para permanecer ativo,

ocupado, o fascismo e seus congêneres precisam do conflito, da luta, pois não têm um programa propositivo consequente, necessitam de encontrar inimigos contra os quais devem bater-se, seja o liberalismo ou o comunismo. E a história do integralismo nas páginas do *Correio da Manhã* e de *O Jornal* mostra isso com clareza.

E apesar de todas as críticas, o fascismo teve que se relacionar intimamente com o liberalismo, pois necessitava da máquina estatal para manter em funcionamento suas práticas, mesmo que suas críticas mirassem também a burguesia, principalmente a “especuladora”. Ou seja, seu discurso era um, mas sua prática era outra totalmente distinta, e isso observado por mais de um autor, como Leandro Konder (2009), Héglio Trindade (1979) e José Chasin (1978). E por mais que criticasse a burguesia, o fascismo contava com sua condescendência e apoio, pois foi com seus recursos que Mussolini pôde armar sua milícia, e foi sob suas bênçãos que marchou sobre Roma e tomou de assalto o poder sem maiores constrangimentos. No entanto, a busca por um passado glorioso quase feudal faria com que a relação burguesia/fascismo não fosse permanente, sendo aquele usado apenas para a contenção das massas que se aproximavam do socialismo. Logo, o fascismo não ascende ao poder apesar da burguesia, mas graças a ela.

Assim, depois de fazer esse breve comentário sobre o movimento que inspirou a AIB, vamos à sua estrutura. A Ação Integralista Brasileira foi fundada em sete de outubro de 1932 por Plínio Salgado, em São Paulo. Plínio Salgado descende de uma família tradicional de São Paulo. Nascido em 22 de janeiro de 1895, em São Bento do Sapucaí, tem a política em suas veias. Seu pai era político do Partido Republicano Paulista (PRP) e Salgado, ainda jovem, tenta criar um movimento de renovação do partido através de sua ação no jornal que era seu veículo de divulgação, o *Correio Paulistano*. Essa tentativa se dá por volta de 1924, porém fracassa em seu intento, mesmo tendo o apoio do redator-chefe, Menotti del Picchia, literato que muito influenciou Salgado em sua formação ideológica. Em 1927 é eleito deputado estadual e vê novamente uma possibilidade de renovação do partido, dessa vez com o apoio de Júlio Prestes, porém essa nova tentativa também fracassa, afinal Salgado sozinho não modificara substancialmente as práticas de um partido tão forte quanto tradicional.

Entretanto, Salgado não atuou apenas na política. Suas obras literárias estão impregnadas de ideias que mais tarde serão abordadas em seus textos doutrinários e

escritos políticos. Obras importantes para conhecer o pensamento de Salgado são seus romances sociais, pois escreve muito sob influência de Menotti del Picchia e Jackson de Figueiredo, ambos expoentes do movimento modernista. Figueiredo ainda representou uma contribuição a mais para Salgado com seu pensamento católico fervoroso.

Passemos aos seus escritos. Salgado escreve três romances nos quais a base de seu pensamento posterior é lançada sob a forma de prosa: “O Estrangeiro” (1926), “O Esperado” (1931) e “O cavaleiro do Itararé” (1933), esse último editado após a fundação da AIB. A politização das obras é crescente, com o problema do imigrante e sua assimilação na primeira obra, a espera de um messias para as massas na segunda e, por fim, uma análise das revoluções brasileiras na terceira obra (TRINDADE, 1979).

A fundação da AIB não se dá sem nenhum precedente, da espontânea vontade de Plínio Salgado. Ela é precedida por uma série de movimentos de direita fundados próximos à década de 1930, que surgem no Brasil e convergem para a formação de uma identidade voltada para o conservadorismo, e que também influenciaram Salgado na fundação de seu partido. Trindade (1979) lista algumas delas: a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), fundada por J. Fabrino, que tem em seu programa as palavras de ordem “vontade e disciplina” e se propõe a ser um representante do fascismo no Brasil, tendo mesmo a prática do uso de uniformes, que viria notabilizar a Ação Integralista Brasileira. A segunda agremiação é a Legião Cearense do Trabalho, fundada por Severino Sombra, jovem militar católico e muito influenciado por Jackson de Figueiredo. Novamente o uso do uniforme é obrigatório para os militantes. A terceira agremiação é o Partido Nacional Sindicalista, organizado por Olbiano de Mello. O último movimento é a Ação Imperial Patrionovista Brasileira, monarquista, católica e corporativista. Seu programa inclui o retorno do catolicismo como religião de Estado e o retorno da monarquia, embora rejeitem o império brasileiro que teria cedido ao liberalismo. Inclusive, a questão monárquica será interpretada por Muisedlak (2007) como um dos componentes mais importantes do integralismo, e algo que pode servir como indício disso é a homenagem a D. Pedro II que a AIB organizou em dezembro de 1934, na Quinta da Boa Vista (*Correio da Manhã*, 19/12/1934). Depois de apresentadas as organizações e lideranças que representavam boa parte do ideário conservador brasileiro da época, mas que não alcançaram o destaque de Salgado, vamos ao seu caso.

Salgado cria a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), em fevereiro de 1932, como um fórum de discussão de suas ideias autoritárias e as divulga no jornal *A Razão*, fundado em 1931. Estavam lançadas as bases da AIB.

Em sete de outubro de 1932, Plínio Salgado lança o Manifesto Integralista e funda a Ação Integralista Brasileira. Salgado aglutina, em torno de si, lideranças como o tenente Sombra e Olbiano de Mello e as põe sob a mesma doutrina – Sombra rompe com Salgado algum tempo depois – lançando o manifesto como uma forma de reavivar o moral dos paulistas depois do sufocamento da Revolta Constitucionalista. A partir daí, a extrema-direita será representada pela AIB. Findada a introdução sobre a organização integralista, passemos aos nossos objetivos.

São eles: avaliar como os periódicos pesquisados noticiaram as ações da AIB no que tange ao episódio da Batalha da Praça da Sé; mostrar como a exposição dos integralistas era feita de diferentes formas dependendo do interesse de cada periódico no momento da publicação; verificar a variação do tom e do tratamento que os jornais dispensavam ao mesmo episódio protagonizado pelos integralistas.

Pesquisas de grande envergadura foram e são produzidas tendo a AIB como fonte de estudo. Desde obras clássicas, como aquelas situadas nas décadas de 1970 e 1980, até a historiografia de ponta, com trabalhos publicados apenas há alguns meses, o integralismo se notabiliza por ter recebido cada vez mais atenção de pesquisadores.

Uma obra introdutória e que serve para pensarmos os aspectos mais gerais da Ação Integralista Brasileira será o livro organizado por Lucília Delgado e Jorge Ferreira, “O Brasil Republicano”, volume 2. O capítulo escrito por Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz, é um estudo sobre a Ação Integralista Brasileira e sua contextualização no cenário político brasileiro.

Para os autores, a AIB resultou da fusão de vários agrupamentos e partidos políticos em torno da figura de Plínio Salgado, redator do jornal *A Razão*. Esse movimento fascista teve curta duração, porém teve sucesso onde os partidos oligárquicos não tiveram: a abrangência nacional. Segundo fontes dos autores, seu quadro variou entre 500 mil e 800 mil integrantes e tinha como principal base de apoio as classes médias urbanas.

Os autores citam como primeiro ato público da AIB, o lançamento da candidatura de Miguel Reale à Assembléia Constituinte de 1934 e o lançamento das “bandeiras” para o conhecimento do chamado “Brasil real”, embora tenham conhecimento de outras manifestações públicas da AIB anteriores a estas, os autores não as listam. Posteriormente, em 1936, no II Congresso Nacional da AIB, a organização é transformada em partido político com vistas à eleição presidencial de 1938.

Para pensarmos o funcionamento de rituais e da educação na AIB, escolhemos Rosa Maria Feiteiro Cavalari (1999), em “Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)”, trata, principalmente, da ideologia do partido e das diferentes formas que era emanada para todos os filiados, além de um estudo sobre o papel da mulher na difusão da doutrina, vista como educadora primeira da família. A utilização da obra se justifica na medida em que nos interessa compreender se os esforços de padronização das atitudes dos militantes por parte da chefia surtiam efeito no dia a dia do movimento.

“Ideologia curupira”, de Gilberto Vasconcelos (1977) é outra obra que ilustra bem o ideário integralista e suas relações com a sociedade brasileira da época e nos dá um bom panorama de como o pensamento integralista é formado, sendo o objetivo do livro compreender o integralismo enquanto discurso fascista que se insere numa sociedade capitalista periférica, tendo por arcabouço metodológico uma vasta e pormenorizada pesquisa sociológica de análise de inúmeros documentos e discursos da Ação Integralista Brasileira, além de uma contextualização de suas origens no movimento do modernismo brasileiro. Para o autor, o discurso integralista se dá em meio a uma contradição constante: a necessidade de se afirmar como nacionalista, mesmo sendo muito assemelhado aos fascismos europeus. Para Vasconcelos, o Curupira, personagem do folclore brasileiro defensor das florestas que tem os pés virados para trás, exemplifica essa posição dos integralistas. Personagem essa utilizada pelos integralistas como síntese de sua posição de defensores do Brasil. Ou seja, para o autor, o Curupira, assim como os integralistas, vive em um constante conflito: enquanto olha para a Europa, mantêm os pés voltados para o Brasil. Nesse caso, sua contribuição se dá na medida em que em que podem ser corroboradas ou não as teorias de Vasconcelos sobre a contradição integralista em suas falas rotineiras publicadas nos jornais, assim como no caso de Araújo (1987).

A obra de Ricardo Benzaquen de Araújo (1987), “Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado”, retrata o pensamento do líder máximo do partido. Sua concepção da História, estando dividida entre materialismo e espiritualismo, na qual o materialismo estaria preocupado com a satisfação material dos homens, suas riquezas e seus bens, enquanto o espiritualismo buscaria atender outras demandas como o enriquecimento mental e o aumento da harmonia entre os homens, sendo logicamente o integralismo identificado com o segundo. Araújo prossegue sua análise da concepção de história para Salgado identificando o que integralista chamou de três humanidades, na qual a primeira seria identificada pelo politeísmo, com uma convivência justaposta entre materialismo e espiritualismo, sendo sucedida pela segunda humanidade monoteísta caracterizada pela Idade Média, o cristianismo primitivo, uma suposta harmonia na sociedade e por fim a terceira humanidade, que seria a ateuísta, tendo sua base na ciência e na racionalidade e no abandono de Deus pelos homens. Esta humanidade seria marcada pela dualidade capitalismo/comunismo, sendo que para Salgado o comunismo seria a mais perfeita forma de ateísmo e resultado final do capitalismo monopolista, onde o maior monopolista seria o próprio Estado.

O livro de Héliog Trindade (1979), - clássico do tema, que nos ajuda a compreender as relações de poder entre direção e militância, além de reforçar aspectos consagrados do movimento, como seu alcance maior na classe média - “Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30”, possivelmente a obra mais completa sobre o movimento, traz um estudo detalhado e bem organizado sobre a estrutura, organização, ideologia, práticas e ritos integralistas. Continuando, o autor faz um esquema detalhado de toda a organização desde sua fundação até seu fechamento, passando por todas as modificações estruturais que sofreu, como a inclusão de mais membros nos conselhos consultivos e a relação dessa modificação com um modelo pré-estatal de organização. Por fim, Trindade faz uma análise da doutrina integralista, suas principais características, sua relação com os fascismos europeus, suas críticas aos adversários – capitalismo, comunismo, liberalismo – e traça diferenças entre os principais teóricos do movimento – Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, ou seja, esquematiza o movimento desde sua base de adesão até os membros das câmaras altas do partido.

José Chasin (1978), em seu “O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio”, faz uma análise à luz das teorias marxistas. Sua contribuição será bem vinda principalmente no que diz respeito à apreciação do

corporativismo na AIB e de como este era visto pela grande imprensa, uma vez que sua análise trata de forma bem particular a ideologia de Plínio Salgado, dando ênfase à questão econômica, crucial numa pesquisa que envolva o corporativismo. Chasin apoia seu trabalho na análise de inúmeros documentos integralistas, sejam artigos de Plínio Salgado, manifestos feitos pelo Chefe Nacional, antes e depois da fundação da AIB, documentos doutrinários, entre outros. Chasin, que com sua pesquisa dá bastante atenção ao caráter econômico do movimento, é um contraponto a outros autores que se preocuparam mais com a questão sociológica da AIB. Sua tese de que um movimento fascista não poderia existir em terras brasileiras devido à sua especificidade econômica é bastante original.

### **A Revoada dos Galinhas Verdes ou A Batalha da Praça da Sé**

Tratamos de fazer a partir desse momento um passo a passo das movimentações integralistas nos jornais ao se aproximarem os fatídicos eventos da Praça da Sé, em 7 de outubro. No dia 6, sábado, os dois jornais anunciam a manifestação integralista em comemoração ao aniversário de dois anos do lançamento do manifesto de outubro de 1932. Ambos são econômicos, relatando apenas data e hora do evento.

A data de 7 de outubro de 1934 é de destaque para a relação AIB/*O Jornal*. Uma foto é publicada na primeira página da terceira seção do jornal, num domingo, edição de maior destaque do periódico, em um número com nada menos que 34 páginas. O jornal anuncia a presença de doze mil integralistas na comemoração do lançamento do manifesto de outubro de 1932. Além de registrar todos os passos de como seria a comemoração, o impresso dá detalhes do embarque dos 600 milicianos do Rio de Janeiro, que deixaram a “plataforma repleta”. A empolgação da reportagem é clara: “vivas”, “anauês”, o hino nacional, tudo ao estilo ruidoso dos integralistas, que *O Jornal* parece tentar transmitir com suas palavras. O texto parecia prever o destaque que teriam as próximas manchetes envolvendo os camisas-verdes (*O Jornal*, 07/10/1934). Esta cobertura contrasta frontalmente com a do *Correio da Manhã*, que sequer faz menção ao encontro dos integralistas na Praça da Sé, repetindo o misto de repulsa e esquecimento que permeava sua relação com a AIB.

Neste mesmo dia 7, ocorre um evento emblemático para a Ação Integralista Brasileira e que pode ser considerado como um verdadeiro divisor de águas no movimento. “A Batalha da Praça da Sé”, ou “A revoada dos galinhas verdes”. Como era

de costume na maioria dos jornais da época, não houve circulação no dia 8 de outubro, segunda-feira, ficando para o dia seguinte o início das reportagens sobre o episódio. *O Jornal* já em sua primeira página estampa uma foto do ocorrido e dá seu veredicto: “ataque do Partido Comunista à comemoração integralista”. Tomado o depoimento do chefe de polícia Christiano Altenfelder, o mesmo informa que a polícia tentou evitar o conflito, mas que devido ao fato dos comunistas estarem escondidos em prédios residenciais, praticamente inviabilizou o trabalho ostensivo (*O Jornal*, 09/10/1934).

Ouvido também Plínio Salgado, este informa que os comunistas haviam atacado os regimentos que primeiro chegaram à praça, ou seja, mulheres e crianças, embora não haja registro de morte ou ferimento de nenhuma criança ou mulher. Na chegada das milícias ao Rio de Janeiro, novamente é dado destaque para a grande movimentação na estação do trem e também para uma bandeira nacional que teria sido alvo de disparos pelos que atacaram os integralistas. Ou seja, nada mais interessante para a AIB do que tornar notícia o ataque dos comunistas ao pavilhão nacional, o que serviria para reforçar seu estereótipo de apátrida. Entrevistado o chefe da milícia carioca, Arthur Thompson informa que os comunistas haviam tido 4 baixas, contrastando com apenas 2 integralistas, algo que não havia sido noticiado pela polícia ou pelo jornal, afinal o número de mortos confirmados era apenas de 5 pessoas. Ainda retornando ao caso do pavilhão alvejado, *O Jornal* destaca o depoimento de um integralista “com os olhos rasos d’água”, de que “os comunistas, atirando contra esta bandeira, mataram a pátria”. Mais uma vez o periódico abre espaço para manifestações que infligem aos envolvidos no conflito, a caracterização de comunistas e de inimigos da pátria (*O Jornal*, 09/10/1934).

Outra nota interessante registrada pelo periódico é a da coragem das milicianas frente ao perigo do tiroteio, que mesmo após as rajadas permaneceram firmes ao lado do pavilhão nacional. Mais uma vez a coragem e o desprendimento integralista são contrastados pela covardia comunista. O jornal ainda levanta a hipótese da morte de uma criança pisoteada, mas se resume a informar que o incidente não foi confirmado. Mais uma vez, se contra o comunismo estivesse, as confirmações poderiam ser deixadas para depois. *O Jornal* encerra esta parte da reportagem tratando do enterro do estudante Décio Pinto e da morte do integralista Jayme Guimarães, além da prisão do presidente da Coligação proletária, Paulo Sesti (*O Jornal*, 09/10/1934).

A conclusão da reportagem se dá na última parte do jornal, com duas fotos estampadas – incluindo a bandeira nacional supostamente alvejada pelos comunistas – e quase metade da página. A fala do delegado de ordem social de São Paulo é emblemática no que diz respeito ao tratamento dado aos militantes de esquerda na época: “Antes era fácil prevenir acontecimentos dessa ordem. Conheciam-se os agitadores extremistas e prendiam-se em massa. Hoje não se pode proceder assim”. Ao repercutir depoimentos com esse teor, *O Jornal* assume sua posição ante os acontecimentos. Em uma disputa integralistas x comunistas – ou qualquer um de seus adversários – o jornal sabe bem de que lado estará.

Ouvindo ainda uma testemunha, o periódico traz novamente a versão de que toda a culpa sobre o ocorrido recairia sobre os comunistas que teriam atentado contra a vida de inocentes integralistas, estando esta testemunha agradecida por ter “escapado incólume à saraivada satânica de balas”. Ou seja, a associação entre o comunismo e as forças do mal já se encontrava presente, enquanto o integralismo era visto como a vítima de um vil atentado. É inegável a diferença esmagadora do espaço cedido nas páginas de *O Jornal* para integralistas e seus adversários. Plínio Salgado, Madeira de Freitas, milicianos, entre outras testemunhas que traziam a versão de atentado covarde contra os integralistas e nenhum entrevistado entre comunistas, antifascistas ou qualquer grupo que se opusesse aos camisas-verdes. Chefes operários, dirigentes sindicais presos e nenhuma palavra destes. Ao que parece, o namoro reatado – interrompido pelo ataque a *O Interventor* - entre *O Jornal* e a AIB tem sua lua-de-mel no dia 9 de outubro de 1934 (*O Jornal*, 09/10/1934).

*O Jornal* entrevistou ainda o ministro da guerra, general Góes Monteiro. O general inicia seu discurso declarando que o regime político que serviu ao mundo no século XIX não servia mais às necessidades da humanidade, sendo necessária a adoção de um Estado forte e que pudesse controlar a sociedade e reduzir distúrbios como estes. O interlocutor ainda utiliza uma citação de Mussolini para reforçar seus argumentos em favor de um Estado centralizador, ou seja, mesmo quando o impresso procura dar a impressão de buscar uma entrevista onde o sujeito mantivesse uma distância segura de ambas as ideologias – integralista e comunista -, este não deixa escapar a oportunidade de lembrar suas preferências pelo congênere europeu do integralismo. Por fim, a série de entrevistas que foram dadas pelos integralistas ao periódico, se encerra com a fala de

Thiers Moreira, secretário de propaganda da AIB. Não resta dúvida da discrepância entre o espaço dedicado aos integralistas e seus adversários (*O Jornal*, 09/10/1934).

Continuando com a série de reportagens sobre a “A revoada dos Galinhas Verdes”, *O Jornal* vai até o hospital onde estavam internados os feridos durante o conflito e ouve seus depoimentos, isso depois de informar que cerca de dois mil integralistas partiram do Rio de Janeiro para São Paulo na intenção de fazer a guarda pessoal de Plínio Salgado, nada melhor para mostrar a força integralista. Ideovaldo Rebouças foi o primeiro ferido a ser ouvido, se dizendo participante da milícia integralista, e que havia sido ferido após tentar ajudar um idoso baleado. O ferido informa que foi atingido por civis que portavam armas de fogo, ao enfrentá-los para salvar o idoso citado. Entretanto, não informa se ele ou seus companheiros portavam armas ou se partiram para o enfrentamento apenas usando as mãos. O que vale ressaltar do episódio não é tanto a história contada por Ideovaldo, mas sim o fato de sua publicação. Com tons de heroísmo e abnegação por parte do integralista e de covardia por parte do comunista que atacava o idoso indefeso. E com armas de fogo. A questão a ser levantada é a razão pela qual os partidários do integralismo geralmente têm a seu favor a publicação de suas versões sem nenhum contraponto, seja por parte de algum antifascista ou da própria polícia. O relato do integralista é considerado como fidedigno e correspondente à verdade. Outro integralista ferido admite o porte de armas, enquanto explica como reagiu ao ataque. Ou seja, apesar da proibição da presença de milícias armadas, o crime parece estar presente apenas em um lado: o dos antifascistas. A presença de armas de fogo nas mãos integralistas não causa nenhum choque aparente na reportagem. Apenas é tratada como parte da estratégia do grupo para defender-se (*O Jornal*, 10/10/1934).

O único relato que incrimina algum integralista pelos acontecimentos é o de Mário Pedrosa, jornalista que se encontrava no local. Entretanto, o único espaço que lhe é cedido no jornal permite argumentar que fora atingido por um integralista. Cinco linhas foram as únicas que lhe foram oferecidas para contar sua história. Sobre o estudante antifascista Décio Pinto de Oliveira, morto na Praça da Sé, é publicada a nota do “Comitê Estudantil de Luta contra a Guerra Imperialista e Reação ao Fascismo”, convocando os estudantes a comparecerem ao seu enterro. Entretanto, nenhuma informação é dada sobre o caráter da organização, seus propósitos ou objetivos. Diferentemente da Ação Integralista Brasileira, que recebe tratamento diferenciado e

grande espaço no periódico. Cabe registrar a publicação do telegrama do interventor de São Paulo à época, Márcio Munhoz, informando ao ministro da Justiça, que não houve autorização para a realização de nenhum outro comício na praça naquele mesmo dia, desmentido – segundo ele – o que vinha sendo publicado por alguns jornais (*O Jornal*, 10/03/1934).

Nos momentos em que as associações antifascistas tinham qualquer espaço que fosse dedicado a elas no jornal, era em tom de crítica que se fazia tal abertura. Ocorre a publicação do conteúdo de um panfleto que vinha sendo distribuído nas ruas de São Paulo que comprovaria o caráter premeditado dos atos e que consagraria os autores dos disparos como “elementos extremistas”, esquecendo-se o periódico que muitas vezes os integralistas utilizavam métodos extremistas para afugentar aqueles que não compartilhavam de suas ideias, como fica patente em outras reportagens do próprio jornal. E apesar da suposta comprovação do caráter premeditado da confusão, no panfleto não se indica qualquer menção a ataques armados ao encontro integralista, apenas a convocação para uma contramanifestação de repúdio ao fascismo. Não cabe a nós fazer qualquer tipo de defesa de instituições proletárias, comunistas ou antifascistas, apenas constatar que no panfleto se encontram a data e a hora da manifestação, a convocação às pessoas e as reivindicações que as organizações faziam, como direito de greve, autonomia sindical, entre outras de caráter puramente trabalhista (*O Jornal*, 10/10/1934), e que não ocorre, ao menos naquele panfleto, a convocação para uma manifestação violenta.

O periódico continua então a noticiar as atividades da polícia paulista, empenhada em prender os elementos que efetuaram os disparos contra a manifestação integralista, e seguindo a lógica anticomunista em voga na época, buscando encarcerar e criminalizar aqueles envolvidos em qualquer organização classista. Noticiando os fatos dessa forma, *O Jornal* contribui para a manutenção de uma clara divisão política, na qual os integralistas estariam do lado vitimado, desarmado, defensor dos idosos, mas corajoso, e os antifascistas estariam do lado covarde, antipatriota e que não respeitava as famílias dos prédios invadidos. Ou seja, é possível perceber claramente a postura de aproximação da edição com a Ação Integralista Brasileira, assim que qualquer manifestação de força dos antifascistas é vista (*O Jornal*, 10/10/1934).

Por fim, contrasta a cobertura dada ao enterro de Jayme de Oliveira, membro das milícias integralistas, com a do estudante Décio Pinto de Oliveira, onde este recebe uma pequena menção, dividida em quatro parágrafos, totalizando 136 palavras dedicadas ao seu velório. Já o miliciano recebe 10 parágrafos de reportagens, e 442 palavras. Ou seja, o espaço do miliciano é mais de três vezes superior ao do jovem antifascista, os dois envolvidos no mesmo episódio, os dois mortos. Ainda de acordo com a parte final da reportagem, *O Jornal* traz a fala de Plínio Salgado no velório do integralista, que chama a atenção para o fato de que a AIB estava sendo vítima de organizações internacionais judaicas, e que caberia ao integralismo fazer uma “guerra atroz contra o judaísmo, o qual visa apresentar contra o verdadeiro Cristo, o anticristo de fins criminosos”. Ao publicar tal tipo de posição do chefe nacional da AIB, *O Jornal* contribui também para o preconceito que associa o judaísmo ao comunismo e os dois às manifestações do mal. Dessa forma, o periódico auxilia na propagação do conteúdo antissemita do discurso integralista, ou seja, vai muito além do que simplesmente criminalizar seus adversários, propaga suas ideias mais violentas (*O Jornal*, 10/10/1934).

Na quinta-feira, dia 11 de outubro, quatro dias depois do ocorrido, é ouvido o primeiro representante das instituições antifascistas, Américo Paulo Sesti, pela Agência Meridional. Não que este tenha sido procurado pela redação, muito ao contrário, foi o próprio Sesti que foi ao jornal para poder dar sua versão do fato, alegando ter sido o conflito iniciado devido à reação natural da população contra os integralistas que amedrontavam e oprimiam o povo. Sesti não deixa de citar o fato de que Plínio Salgado tentava enquadrar as milícias integralistas como parte do dispositivo de segurança pública e que nenhum integralista havia sido preso, mesmo após inúmeros disparos efetuados por estes durante a confusão. Prosseguindo na reportagem, há a publicação da nota distribuída pela Delegacia de Ordem Social em resposta às acusações de Plínio Salgado de que a polícia havia permitido a realização de outro comício que não o integralista no mesmo local e horário. Concluímos desta breve reportagem que o periódico ao menos tentou manter certa imparcialidade ao registrar os dois fatos – a procura de Sesti e a nota da DOS -, ainda que com uma distância temporal considerável dos fatos e sem o mesmo destaque dado às palavras integralistas (*O Jornal*, 11/10/1934).

*O Correio da Manhã* parece não ter dado a mesma importância que o outro jornal deu ao ocorrido, afinal sua cobertura se resume a uma reportagem no dia 9 de

outubro e uma entrevista com o deputado Moraes Andrade no dia 10 de outubro. Ao que parece a nós, o periódico mantém sua linha de oposição à AIB, nesse caso ilustrada pela pouca atenção dedicada ao fato e pela entrevista do deputado que analisaremos à frente.

Apesar de comparativamente com *O Jornal*, o *Correio da Manhã* trazer menos informações sobre os eventos, os dois se encontram no que diz respeito aos causadores do conflito: os antifascistas. Ou seja, apesar do papel de oposição ao integralismo que o jornal desempenhava, não significou que este os acusaria de iniciar o conflito. Na reportagem, o periódico tentou imprimir um tom neutro, de transmissão das informações, mas já contrastou com *O Jornal* na primeira página quando elogiou a imponência do enterro do estudante antifascista Décio Pinto de Oliveira e a grande quantidade de pessoas presentes em seu velório. Chama atenção também o fato do jornal ter publicado a nota lançada pelo presidente do Partido Socialista, Ruy Fogaça, onde este protestava pelo fato de ter sido preso, segundo ele, simplesmente pelo fato de ser socialista. Ao compararmos a postura dos dois jornais já percebemos certa distância, pois enquanto *O Jornal* não abria espaço para a fala daqueles que não eram integralistas, o *Correio da Manhã* adotou uma linha mais independente, dando voz aos antifascistas, e mais, não abrindo espaço para a fala de nenhum integralista, ao menos nesta edição (*Correio da Manhã*, 09/10/1934).

E a palavra da AIB só foi publicada no dia seguinte de forma muito rápida, pela declaração de Plínio Salgado de que nenhum integralista abandonaria suas fileiras por ameaças de qualquer ordem. Entretanto, até mesmo no momento em que Salgado foi ouvido, não houve exclusividade como em *O Jornal*, suas palavras dividem espaço com uma nota dos sindicatos dos bancários, outra da Federação Operária e mais uma rápida entrevista do comunista Aristides Lobo. Dessa forma entendemos que o *Correio da Manhã* continuou com seu papel de crítica ao integralismo, seja ignorando suas lideranças, seja não transmitindo notícias que exaltassem a coragem integralista ou a covardia antifascista. Assim vai ficando delineado o papel de cada jornal e o *pacto* com seu leitor médio. Mas prossigamos nossa análise com uma entrevista interessante (*Correio da Manhã*, 10/10/1934).

O deputado paulista Moraes Andrade faz um contraponto às análises que levam a responsabilidade dos acontecimentos na Sé para o lado dos antifascistas. Por ser um

dos poucos documentos que tivemos acesso no qual a AIB também é responsabilizada pela violência em que se envolve, reproduziremos a breve entrevista integralmente. Analisemos agora as declarações do deputado Moraes Andrade:

INTEGRALISMO E POLÍTICA – DECLARAÇÕES DO DEPUTADO PAULISTA MORAES ANDRADE

O deputado Moraes Andrade fez-nos, ontem, as seguintes declarações sobre o conflito do último domingo em São Paulo sobre a situação política daquele estado.

(...)E o senhor Moraes Andrade continua: compareci hoje à Câmara, para havendo oportunidade, retificar a afirmação precipitada do deputado Sucupira, que disse ter a polícia de São Paulo auxiliado os comunistas no assalto ao grupo integralista, coisa que absolutamente não se deu nem poderia dar, conhecido como é, o empenho que a polícia de São Paulo tem no reprimir de quaisquer desordens, partam de onde partirem, mantendo a todo custo o sossego público.

O senhor Sucupira foi certamente mal informado, por algum talvez apaixonado, talvez mal apercebido para a boa observação dos fatos como se passaram – o que aliás é natural, dado o profundo abalo que o ataque produziu na tropa integralista.

A culpa do que houve deve ser atribuída em grande parte aos próprios integralistas, que vivem a ameaçar céus e terras apregoando o método político da força, afirmando que logo que possam tomarão conta do poder à força e à força modificarão o regime em que vivemos.

Relativamente ao comunismo, é vulgar ouvir em suas moças integralistas, que o melhor meio de acabar com ele é empregar a força, dissolvendo lhes as organizações, expulsando uns e prendendo outros de seus adeptos.

“Quem semeia ventos colhe tempestade” – é de sabedoria popular disse, sorrindo, o deputado paulista. (*Correio da Manhã*, 10/10/1934, p. 6)

O mais interessante na fala do deputado é o fato de dividir a culpa pelo episódio entre os dois grupos envolvidos. Dessa forma, é interessante observar não só a fala do deputado, mas o fato do jornal ter aberto espaço para a publicação de entrevista tão controversa. Várias outras autoridades poderiam ser ouvidas para comentar os eventos, mas Moraes Andrade foi o escolhido e, logicamente sua postura de ataque a antifascistas e integralistas era aprovada pela redação do jornal, o que só serve para reafirmar ainda mais nossa convicção de que o *Correio da Manhã* mantinha uma postura de oposição à AIB.

No dia 12 de outubro, o *Correio da Manhã* ainda tratava dos acontecimentos da Praça da Sé, trazendo depoimento dado à polícia pelo chefe provincial da AIB, Francisco Stella. Essa é uma publicação importante, pois a integralidade do depoimento é publicada, algo que foge das práticas rotineiras do jornal com relação aos integralistas, mas não é um fato digno de espanto, haja vista que o periódico tentaria impor certa imparcialidade aos fatos narrados. Na mesma edição, através da agência de notícias,

Havas, o periódico informava que Plínio Salgado também havia prestado depoimento sobre os fatos (*Correio da Manhã*, 12/10/1934).

As conclusões do trabalho são sem dúvida a simpatia que *O Jornal* possuía pela AIB, estampada em suas páginas. Quanto ao *Correio da Manhã*, o percebemos como um grande rival da propaganda integralista. No que diz respeito à atuação dos militares, percebemos o posicionamento legalista da maior parte dos envolvidos e a tentativa de construção de imagem de coesão militar em torno do presidente Vargas.

### **Bibliografia**

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

\_\_\_\_\_. A cultura política. In: Jean-Pierre Rioux & Jean François Sirinelli. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BERTONHA, João Fábio. *Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: Eduem, 2014.

BULHÕES, Tatiana da Silva. *O integralismo em foco: imagens e propaganda política*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro: 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e antisemitismo*. Maringá, Eduem, 2014.

CAMARGO, Aspásia. *O golpe silencioso*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: formas de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CRUZ, Natália dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo: Autoritarismo e Totalitarismo*. In.: SILVA, José Luiz Werneck da Silva. *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor: 1991.

- GÓES, Maria da Conceição Pinto e Outros. *A imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1983.
- JEANNENEY, Jean-Noel. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. *Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)*. In.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *As origens do fascismo/ textos de José Carlos Mariátegui; organizador Luiz Bernardo Pericás*. São Paulo: Alameda, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- NEVES, Lúcia Maria, MOREL, Marco e FERREIRA, Tânia Maria. *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- PANDOLFI, Dulce. *Os anos 1930: as incertezas do regime*. In.: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda: 2010.
- ROSAS, Fernando. *Um estudo comparado do fascismo: o “autoritarismo moderno” do Estado Novo português*. In.: SILVA, José Luiz Werneck da Silva. *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor: 1991.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011.
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O nazi-fascismo na América Latina*. Porto Alegre, UFRGS Editora, 2004.
- VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro: Record, 2000.